O Fim de uma Era

Soares era de outra época. E eu fui dessa época com ele.

FOTOGRAFIA **Fundação Mário Soares** | Texto originalmente publicado no jornal *Expresso*, 7 de Janeiro de 2017

POR
Henrique Monteiro
Conselho Editorial,
Nova Cidadania

Soares foi de um tempo em que o amanhã seria forçosamente melhor do que o hoje - e disso todos estávamos convictos. Viveu e lutou com uma coragem assinalável e, sobretudo, levando a sério o que fazia, nunca se permitiu furtar a uma gargalhada, mesmo que inconveniente, furar o protocolo, mesmo que um pouco irresponsavelmente, e fazer o que lhe apetecia, mesmo que um pouco inconscientemente. Como Churchill – e neste aspeto há um paralelo claro – conseguia ser simultaneamente uma criança mimada e um estadista ímpar. Transformava inimigos em amigos (o vice-versa foi muito mais raro) e nunca se esqueceu daqueles que lhe foram leais, ainda que com ele não concordassem. Mais do que um homem, é um símbolo.

> ***Do conjunto fica a certeza: convivi de perto com o maior homem do meu tempo em Portugal. Não creio que ainda viva tempo suficiente para conviver com um maior***

Ora, falar de alguém nosso amigo de sempre e, simultaneamente, referência do País, símbolo da Pátria, é extraordinariamente difícil. Adversários vários, dos comunistas à direita, sempre disseram que ele não tinha uma linha política definida, que navegava ao sabor das marés. Porém, se é verdade que Soares sempre viveu da intuição, mais verdade é que foi talvez o único político que num tempo sem liberdade e com pouca informação, como era o do Estado Novo, tenha posto em letra de forma (no livro 'Portugal Amordaçado') três objetivos que cumpriu na íntegra. Eram eles: democratizar e transformar Portugal numa república parlamentar com democracia do tipo ocidental, para o que contribuiu com uma luta heroica no PREC (Processo Revolucionário em Curso (1974-75); descolonizar, entregando as colónias portuguesas aos seus representantes (o que fez, embora à frente se possa discutir se o fez da melhor forma); e integrar Portugal na então CEE, atual União Europeia, o que conseguiu por duas vias – sendo o seu I Governo a assinar o pedido de adesão (28 de março de 1977) – e sendo o último Governo de que foi primeiro-ministro (o IX) a assinar a adesão no Mosteiro dos Jerónimos (12 de junho de 1985).

Quem pretender pedir meças a esta realização política, e já agora ao cumprimento das promessas verdadeiramente estruturais que fez, terá dificuldades. Porque estas foram as verdadeiras e mais profundas reformas feitas em Portugal no último meio século. E na própria História Portuguesa de 900 anos estão seguramente entre os momentos mais importantes.

Claro que a descolonização é sempre o argumento arremessado contra Soares. Mas eu, sem medo que me chamem enviesado (coisa que confesso em relação ao dono do colégio onde andei, ao marido da minha querida professora Maria de Jesus, ao pai dos meus amigos João e Isabel, ao amigo da minha família e de mim próprio, apesar da diferença de idades), sem medo desse enviesamento digo: a culpa da descolonização em Portugal ter corrido da forma que correu deve-se, essencialmente, a dois fatores: o primeiro e mais importante, ao atraso e podridão a que o regime de Salazar (e depois de Caetano, que contra as suas próprias opiniões nada conseguiu fazer) deixou chegar as colónias. Não por acaso, todos os grandes países tinham descolonizado; não por acaso, Portugal era um pária na ONU. Em segundo lugar deve-se à natural quebra na cadeia de comando nas Forças Armadas portuguesas a seguir ao 25 de Abril. O certo é que os nossos soldados consideravam, eles próprios, como a maioria dos oficiais no terreno, a guerra injusta, sem sentido ou sem valor

para os seus interesses. Isso impediu que Portugal pudesse negociar o que quer que fosse em posição minimamente sólida. Pode, agora, argumentar-se o que se quiser, mas foi esta a solução.

A liberdade foi, contudo, o grande farol de Mário Soares. Foi ele quem na Fonte Luminosa em Lisboa deu o golpe de misericórdia no PCP, depois de ter ganho as eleições Constituintes. Foi ele que preservou a Igreja e a Rádio Renascença, evitando um conflito igual ou pior, entre Igreja e Estado, do que o da I República. Foi ele, seguindo o instinto e pensamento do seu então grande amigo "como irmão", como ele diria, Salgado Zenha, contra a Unicidade Sindical (sem essa luta teríamos apenas a CGTP e nunca a UGT ou outros sindicatos não pertencentes àquela que é manifestamente a correia de transmissão do PCP). Foi ele que antes do 25 de Abril, ainda, denunciou a morte de Humberto Delgado e defendeu a família; foi ele quem denunciou, em França, a prisão de estudantes (também por isso, se mais não fosse, lhe estaria grato); foi ele quem ao chegar de Paris proclamou que o socialismo que todos gritavam era em Liberdade – não há pão sem liberdade, nem liberdade sem pão!

Foi ele que exigiu que o PCP entrasse para o Governo para o amarrar ao acordo que os dois partidos haviam firmado em Paris, quando não sabiam que a situação ia mudar radicalmente; foi ele que levou o PS à vitória também nas legislativas de 1976. Foi ele quem se opôs a Eanes quando este teve a tentação presidencialista e que, com Balsemão, numa revisão Constitucional, retirou os poderes ao Conselho da Revolução (formado por militares) e os devolveu aos civis. Foi ele que com o PSD de Mota Pinto salvou o país da bancarrota em 1983, cumprindo à risca "tudo, mas tudo o que o professor Ernâni Lopes dizia", como o próprio afirmou a mim e a Ricardo Costa num jantar em que reunimos os dois, 25 anos depois do 'Bloco Central', em 2008, nos alvores desta crise.

Foi ele que, perante a incompreensão da esquerda e de parte da direita mais direita, insistiu para que Portugal integrasse a CEE, atual União Europeia, e com isso matasse as pretensões 'terceiro-mundistas' de uma série de gente em quase todos os partidos. Essa adesão permitiu que Portugal desse o salto quântico do que era para o que é, coisa que hoje em dia é desvalorizada por uma geração que já nasceu no conforto de um país normal, mas que é valorizada por quem, como eu, nasceu com bairros como a Musgueira, o 'Bairro Chinês' de Marvila ou a estrada de Circunvalação repleta de barracas imundas, sem água, sem esgotos, com crianças descalças que nada tinham e com uma mortalidade infantil astronómica, se comparada com a atual. Foi dele, e do seu ministro António Arnaut, a lei do Serviço Nacional de Saúde. Eu posso continuar, mas temo cansar-vos.

Deixem-me só acrescentar um ponto. Se fosse hoje, Soares teria as mesmas hipóteses? A comunicação social não andaria atrás do secundário – das pequenas intrigas, de algum colaborador sem curso? De algum corrupto (que os houve e em número generoso) entre os seus próximos? De algum escândalo sexual? Pergunto isto sem tentar moralizar. Porque o que aqui descrevi supera, do meu ponto de vista, e de muito longe, o conhecimento desses aspetos sórdidos, feios ou imorais.

Não pretendo insinuar quaisquer falhas a Mário Soares, embora seguramente as tivesse. Nasceu sem necessidades e viveu com dificuldades – nunca monetárias, mas próprias de quem teve de casar-se na prisão ou de viver no exílio em São Tomé ou em Paris, longe dos seus. Até para o funeral do pai teve de pedir autorização. Nada disso! Soares era de outra época. E eu fui dessa época com ele. Muitas vezes apreciámos as mulheres que passavam, sabendo, ele e eu, que não era o jornalista que ouvia nem o político que falava. Muitas vezes contámos histórias e anedotas politicamente incorretas, como chamar 'pátio das bichas' ao Pátio dos Bichos em Belém, numa altura em que lá estavam certas pessoas (e não nego a injustiça da apreciação).

Muitas vezes discordámos e uma vez ele deu-me um murro. Percebi que menos de dois segundos depois estava arrependido. Mas que faz um jornalista? Ora, no meu tempo, e penso que ainda hoje, trabalha para os seus leitores, ouvintes e telespetadores; não para se armar, ele próprio, em herói ou vítima, nem para lhe dar as histórias sórdidas próprias da 'Casa dos Segredos'. Mas para os informar devidamente sobre assuntos que à comunidade digam respeito de modo a que façam escolhas responsáveis.

Foi assim que pensei sempre. E por isso tanto podia dizer coisas que agradavam a Soares como as que lhe desagradavam – como quando escrevi que ele ia fazer uma Fundação com o seu nome, ainda era Presidente da República, ou que Almeida Santos e o PS teriam um resultado desastroso em 1985, ou que ele não deveria candidatar-se a Belém em 2006.

Mas isso são os ossos do ofício.

Do conjunto fica a certeza: convivi de perto com o maior homem do meu tempo em Portugal. Não creio que ainda viva tempo suficiente para conviver com um maior. ■